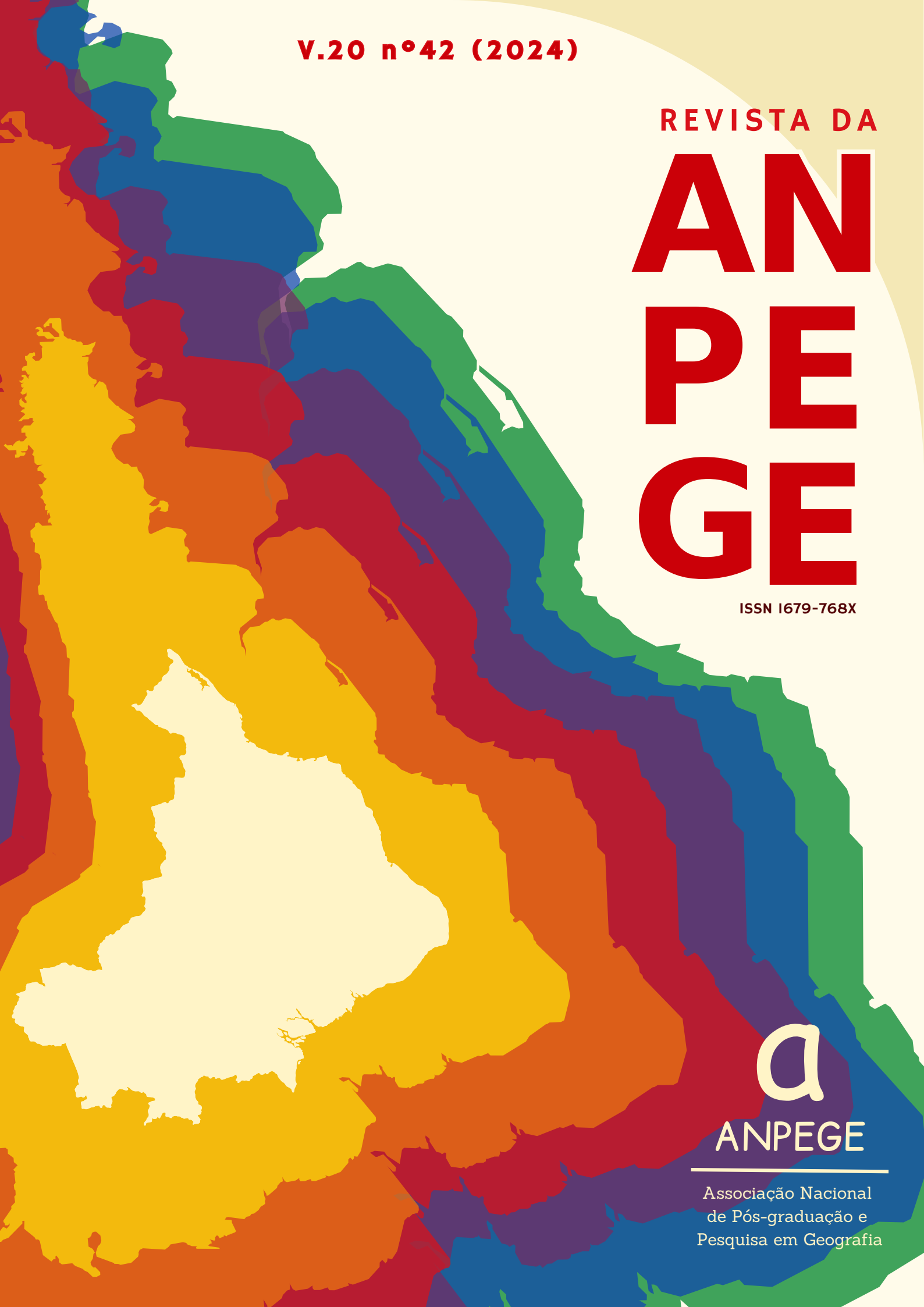
V.20 nº42 (2024)

REVISTA DA ANPEGE

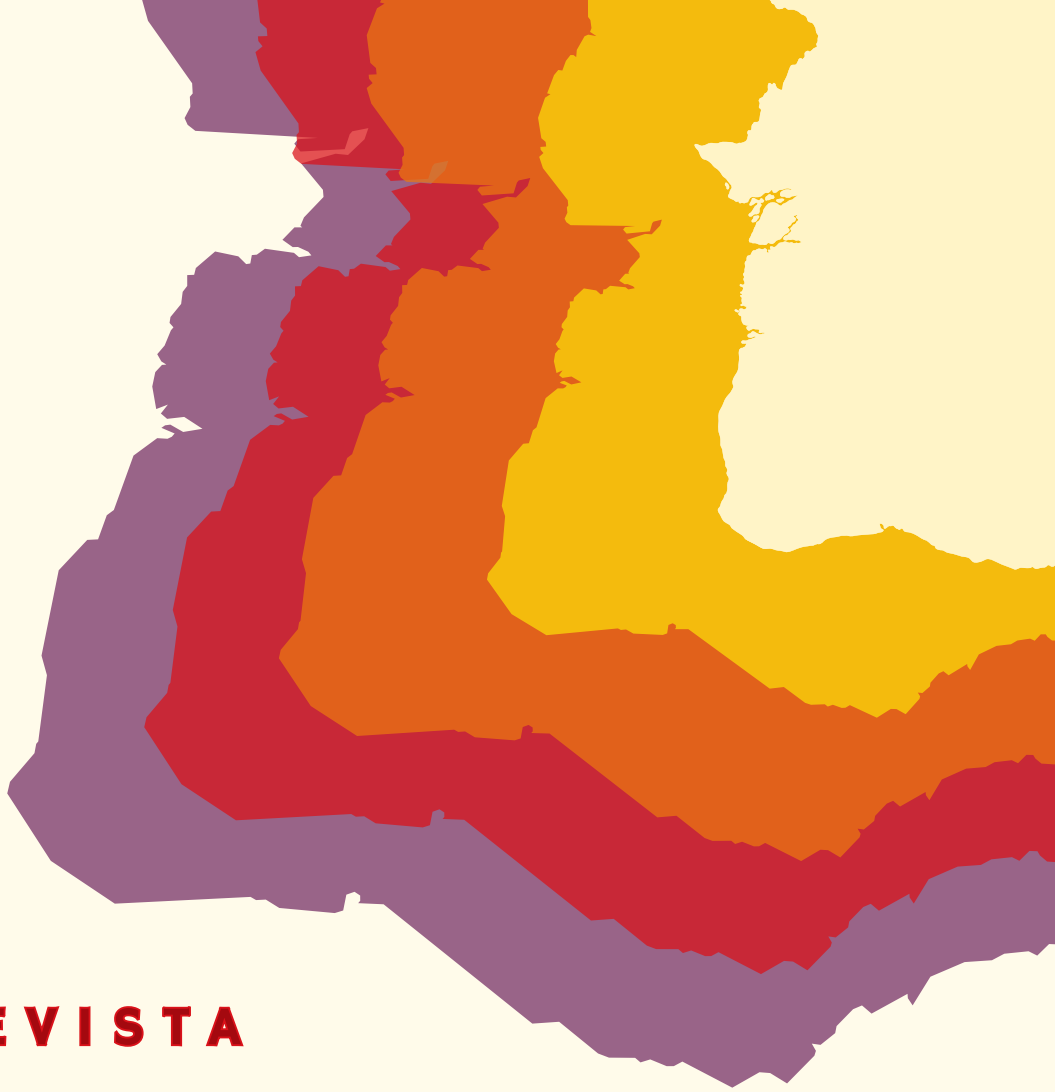
ISSN 1679-768X



ANPEGE

Associação Nacional
de Pós-graduação e
Pesquisa em Geografia

REVISTA DA
ANPEGE



ENTREVISTA

Entrevista com o geógrafo Brian Garvey

Interview with geographer Brian Garvey

Entrevista con el geógrafo Brian Garvey

DOI: 10.5418/ra2024.v20i42.18688

MARCO ANTONIO MITIDIERO JÚNIOR
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

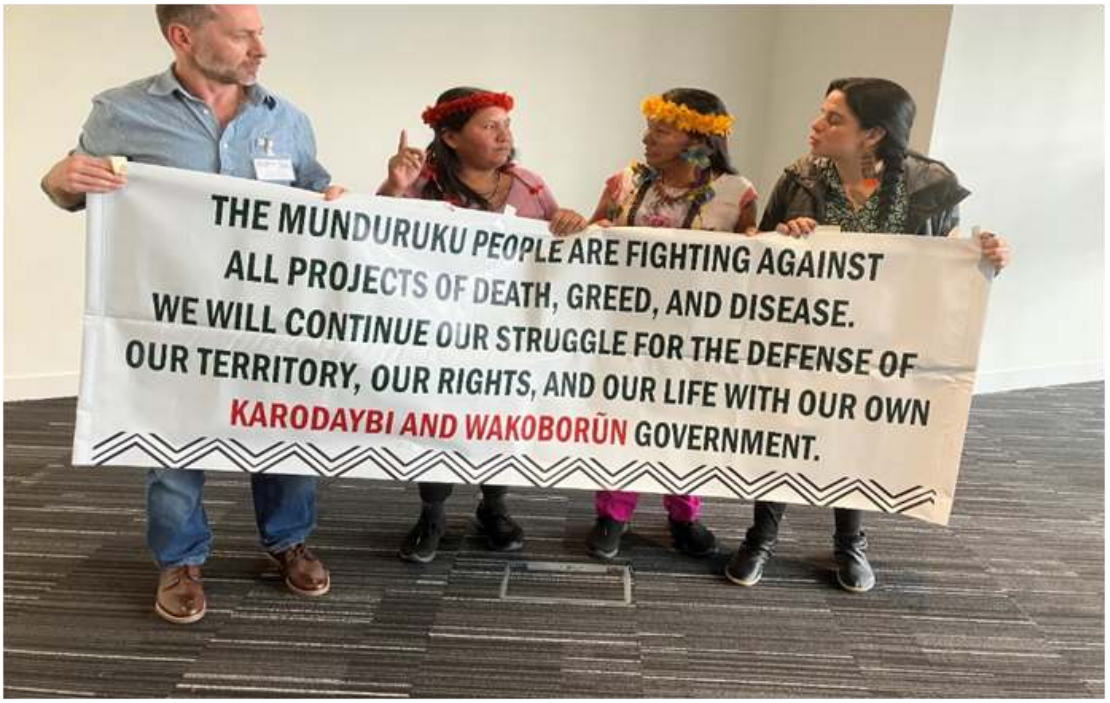
AURELANE ALVES SANTANA
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

V.20 n°42 (2024)
e-issn : 1679-768X

v. 20 n° 42 (2024) | ISSN 1679-768X

Entrevista com o geógrafo Brian Garvey

Figura 01 – Brian Garvey, em Glasgow, em atividades com o Movimento de Mulheres Munduruku.



Autor: Marco Mitidiero, 2023.

Brian Garvey é um geógrafo norte-irlandês formado no departamento de Geografia da *Queen's University of Belfast*, na Irlanda do Norte, com doutorado na *University of Sheffield*, na Inglaterra. Atualmente é professor no Departamento de Trabalho, Emprego e Organização na *Universidade de Strathclyde*, em Galsgow, Escócia. Brian possui estreita relação com a Geografia Agrária brasileira, desenvolvendo projetos de pesquisa que envolvem questões acerca dos trabalhadores rurais, movimentos sociais, efeitos do uso de agrotóxicos na agricultura, e, mais recentemente, com os impactos da mineração em populações indígenas e ribeirinhas da Amazônia paraense. Foi supervisor de pós-doutorado de Larissa Mies Bombardi, professora do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo (USP), que produziu o Atlas *"Geografia do uso de agrotóxicos no Brasil e conexões com a União Europeia"*, o qual o professor Garvey escreveu o prefácio. A entrevista teve como objetivo saber um pouco da vida de um geógrafo que passou sua infância e juventude -e cursou graduação em Geografia - em um país em conflito, em um período muito tenso da Irlanda do Norte, e

Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

relacionar essa história de vida com suas opções de pesquisa e docência em Geografia. A entrevista foi realizada em português, no dia 22 de maio de 2024, na vila de Drymen, na Escócia, onde Brian Garvey reside com sua família.

Marco/Aurelane: Brian, nos fale um pouco da sua história de vida, onde você nasceu e cresceu e relacione essa história com sua opção pela Geografia.

Brian: Bom, eu fui criado na parte rural em Armagh, que é uma cidade pequena na Irlanda do Norte. Meus pais tiveram quatro filhos, três mulheres e só eu de homem. Eu tive muita sorte, porque eu nasci e cresci ao lado do sítio do meu avô. Um sítio que pertencia à família há três gerações, durante uma época muito interessante na história da Irlanda. Então, isso é fundamental na minha vida, essa é uma marca da minha infância, ter nascido na área rural.

Eu tenho algumas lembranças interessantes. Eu me lembro que muitas vezes eu voltei da escola a pé, mais ou menos uns 5 km da cidade onde se localizava a escola. Também ia jogar futebol, pegava a bicicleta e ia para a cidade sempre que tinha que jogar. Então, na verdade, cresci entre o campo e a cidade. Gostava da cidade, também. Era aquele sentimento de querer ser urbano (risos). Lembro agora de duas coisas engraçadas.Lembro um dia que meu avô chegou na minha sala de aula, porque a minha mãe tinha esquecido de fazer a marmita para mim, então ela ligou para ele e ele chegou de trator na escola. De trator! (risos). Vestido com umas roupas de sítio, de trabalhador rural. Acho que talvez eu tinha seis ou sete anos de idade, ele entrou na sala e eu tenho esse sentimento de amor e vergonha (risos),sabe? Porque todo mundo percebeu que ele era um homem do campo, e eu tinha aquele sentimento de ser do campo e querer ser urbano, por isso fiquei com vergonha. Também lembro de uma vez o professor pedir para mim e outro amigo, Podhraic, também da parte rural, para coletar um tipo de capim para fazer uma cruz para a Santa Brígida, que é a santa da nossa região. A gente usava esse capim para fazer uma cruz que é bem tradicional na região. Eu lembro do professor falar: “vem cá, a noite vocês vão cortar esse capim para nós e levar amanhã para todo mundo”, então, foi bem claro que ali, na escola, eu era uma criança do campo, de sítio, numa escola com crianças da cidade.

Marco/Aurelane: Essa cidade, qual é o nome mesmo?

Brian: Armagh, fica a 1 hora de Belfast, 80 ou 100 quilômetros de Belfast. É uma região de fronteira, muito perto da divisão entre Irlanda do Norte e Irlanda do Sul.

Então, por ser área de fronteira, eu também cresci com o conflito. Teve membros da minha família envolvidos no conflito, tenho várias histórias sobre isso. Meus pais diretamente não, mas meus tios e outros parentes estavam envolvidos no conflito entre protestantes e católicos, ou seja, os a favor do

domínio inglês e os independentistas. Muito se falou do conflito como um conflito religioso, mas na verdade era um conflito pela independência do domínio da Inglaterra que envolveu o aspecto religioso.

Meus pais eram irlandeses católicos e eram professores.

Marco/Aurelane: Esse contexto foi te levando à Geografia?

Veja, para católicos não era fácil viver na Irlanda do Norte, era difícil ter opções para emprego, sabe? Por conta de que tinha muita discriminação política e econômica contra os irlandeses católicos, então a saída era ou ir para a Igreja ou estudar para ser professor se você quisesse um emprego. Então, tinha essas opções, ou você vai estudar para ser padre ou você vai para educação. Por causa disso, meus pais insistiram muito em nossa educação, na verdade, como muitos pais dessa geração. Então, eu desenvolvi interesse em várias coisas que envolvia o meio ambiente, a natureza. Eu gostava de Geografia e Biologia na escola média, mas para estudar Biologia eu também tinha que estudar Química, e eu não gostava de Química, então fui fazer Geografia (risos).

Marco/Aurelane: Você era adolescente nessa época?

Brian: É, já com 16 anos precisávamos escolher algumas disciplinas para estudar. Eu escolhi Inglês, Economia e Geografia. Eu lembro que eu fui fazer uma espécie de orientação, com pessoas que vão te ajudar na escolha de uma profissão, foi como um teste vocacional.Eu lembro que diziam “mas Brian, você, um cara inteligente, esperto, por que você escolheu Inglês, Geografia, Economia? Por que você não estuda para ser advogado ou médico? Mas eu respondi: “cara, eu gostei de Geografia tanto”, então eu fui estudar Geografia na Universidade de Belfast.

Marco/Aurelane: Voltando um pouco. Você morava no campo, você chegou a trabalhar no campo?

Brian: Ah, para mim, na verdade, tinha a expectativa de trabalhar no campo porque o sítio do meu avô ficou para o meu tio. Então, claro, tinha a expectativa que eu ia ajudar, trabalhar lá, pelo menos de vez em quando. Mas, na verdade, eu não gostei tanto (risos), era muito pesado. Mas, claro, fui trabalhar, mas não por muito tempo. Trabalhávamos com criação de gado, mas eu gostava mesmo era da colheita de capim para secar e guardar para os gado no inverno. Isso era no verão. Os vizinhos ajudavam na colheita e a gente ajudava eles. Quando você tem sol, você tem algumas breves semanas para cortar tudo. Então, essa experiência foi muito boa. Eu levantava cedo para trabalhar, parava às 11:00 horas para tomar chá, então eu me sentia mais adulto, porque eu ficava com os adultos tomando chá às 11:00 horas e 16:00 horas todo dia. Também, eu acho que com 13 ou 14 anos, minha mãe e meu pai me mandou para colheita do morango em outra propriedade, de um cara que era muito rude, muito bravo.

Acordava 6:00 horas da manhã para trabalhar no morango e ia até as 15:00 horas por pouco dinheiro, umas 5 libras por dia. Esse foi o primeiro trabalho assalariado.

Marco/Aurelane: Queremos saber mais sobre sua graduação em Geografia em Belfast. Mas também queremos saber como foi crescer em um país em conflito, em conflito interno e externo, a divisão da Irlanda e a luta contra a colonização. Como foi?

Brian: Pergunta muito interessante. Olha, eu fui criado durante o conflito contra os ingleses na Irlanda.Eu fui para a universidade em 1994 e nosso acordo de paz foi em 1998. Então, durante o conflito – imagina você sendo criado durante o conflito? – eu fui para universidade onde, especialmente na Geografia, quase todos os professores, homens, eram ingleses, quase todos. Então, a universidade era a Universidade de Queens (*Queen's University of Belfast*), uma universidade fundada em nome do rei, com projeto educacional tradicional e muito elitista. E as pessoas que trabalhavam na universidade eram as pessoas que receberam educação na Inglaterra e que encontraram esse trabalho em Belfast.

Nesse contexto, eu lembro do professor Peter Shirlow, um geógrafo, também sociólogo, bem conhecido até hoje. Eu lembro ele ensinando coisas sobre o sectarismo, as divisões entre as comunidades, porque Belfast, por exemplo, era uma cidade completamente segregada territorialmente entre os descendentes de ingleses que eram protestantes e os descendentes de irlandeses que eram católicos. Mesmo se você não praticava religião você tinha essa denominação política, servia como uma identidade cultural e comunitária que segregava os espaços. Os católicos sofreram com a polícia, com os militares, de maneira que é muito parecido com os povos negros em Londres. Por exemplo, se você está na rua, a polícia ou os militares paravam você, pegavam seu nome, te interrogavam, isso era algo que acontecia sempre. Mas eu lembro bem o meu primeiro ano em Geografia, em uma aula sobre Geografia Econômica da Irlanda. Tinha algumas literaturas interessantes, mas eu fui para a biblioteca e foi aí que o mundo começou a abrir, porque tinha muita literatura, muitos livros, muitos livros que não estavam recomendados na aula sobre a Irlanda. Temas como colonialismo e imperialismo, aí eu comecei a ficar animado, mas é claro que só aprofundei o entendimento sobre esses temas depois, quando eu já estava no doutorado. Eu lembro das primeiras leituras desses temas, eu pensava "Ah, isso é muito bom, né? Muito interessante, eu vou escrever bastante". Eu li bastante, eu passei dias na biblioteca para escrever um artigo para uma avaliação. Então, eu entreguei para esse professor e demorou três semanas para a gente discutir o resultado no escritório dele. Eu lembro que foram três pessoas antes de mim, depois eu entrei e ele falou "nossa, mais um nacionalista" (risos). Ele falou, "não pode escrever isso, a universidade não vê com bons olhos, entende?". Ele disse "você precisa balancear". Então, hoje em dia, talvez, eu posso pensar "ah, ele tem razão, para uma coisa acadêmica".

Mas eu lembro que eu fiquei assustado, porque eu falei “mas essa é a verdade”, e ele falou “não, essa é a sua verdade”. Foi interessante, porque foi um tipo de censura que eu vivi. Lembro que ele falou “ah, você tem um bom estilo para escrever, mas dessa maneira que você está escrevendo sobre imperialismo e colonialismo, você fala demais”.

Marco/Aurelane: Qual era mesmo o nome da disciplina?

Brian: Geografia Econômica da Irlanda. Então, foi interessante porque teve essa hierarquia que foi muito presente. A geração dos meus pais ou a minha geração foram as primeiras a ir para a universidade, porque tinha essa divisão entre primeira classe e segunda classe na Irlanda do Norte, entre os descendentes dos ingleses e os irlandeses, e não era tão fácil fazer universidade. Foi interessante no sentido de viver essas separações e segregações mais de perto.

Marco/Aurelane: Mas como foi viver sabendo que seu país estava em conflito? Como era, por exemplo, andar na rua, se relacionar com os amigos? Você sentia essa dificuldade que acabou de relatar?

Brian: Na verdade, era uma coisa absurda. Você ia para o ensino médio por cinco anos e depois você tinha mais dois anos para fazer as provas para entrar na universidade. Nossa escola era católica no ensino médio. Nesse período, a gente tinha pouca opção, as escolas estavam divididas entre católicos e protestantes.

Marco/Aurelane: Dentro da mesma escola?

Brian: Não, em escolas diferentes. Na nossa história houve muita perseguição aos irlandeses católicos, então o acesso à educação não estava disponível, muitas escolas privadas e públicas estavam mais ou menos reservadas para os descendentes ingleses, daí foi a igreja católica que abriu espaço para a educação dos irlandeses católicos. É, por um lado foi bom, porque ela estava oferecendo educação para todo mundo, mas, claro, uma educação na mão da igreja, uma educação conservadora na questão das mulheres, por exemplo. Dessa forma, existia todas essas contradições, porém se não fosse a igreja, e também os vários braços da igreja católica, talvez não teríamos educação formal. Então, essa era a segregação para um jovem estudante, eu não lembro de encontrar uma pessoa protestante até eu ter 16 anos.

Marco/Aurelane: Era como viver separado, segregado?

Brian: Sim, a cidade era separada. Nossa cidade, por exemplo, tinha essas três ruas, você não ia descer essas três ruas porque tinha perigo para descer, porque se você estava usando o uniforme

católico tinha perigo de sofrer violência. Se você descesse lá e alguma coisa acontecesse, a culpa era sua, porque era estupidez ir para lá. Eu lembro uma vez que eu fui tocar música irlandesa em uma área da cidade, mas essa área era mais ou menos uma divisão entre católicos e protestantes, então eu estava lá e estava esperando do lado de fora por uma carona da minha mãe. Nossa! De repente chegaram oito pessoas. Nesse momento, eu pensei "oh meu Deus, vão me bater", mas elas passaram por mim e fiquei parado no mesmo lugar e pensei que estava salvo, que eles passaram por mim e não ia acontecer nada, mas, claro, eles passaram para pegar garrafas de vidro e voltaram e me bateram com garrafas de Coca-Cola (risos). Mas, você imagina, eles passaram assim por mim "ufa!", mas, na verdade, só foram pegar as armas e voltaram para me bater só porque eu estava nessa região da cidade. Mas essa é uma coisa que eu nunca contei aos meus pais, porque eu não queria que eles ficassem preocupados, mas foi assim. Porém, eu não sofri tanto como eu sei que os outros amigos sofreram. Veja, se você passasse na frente de gente do exército, eles cuspiam em você, batiam em você, batiam em suas pernas para você cair e questionavam você, faziam um interrogatório ali mesmo, na rua. Eu lembro muitas vezes de estar andando até a escola com meu uniforme católico e o exército passar e eu ficar numa tensão, você ficava esperando por alguma coisa, eles vão falar alguma coisa, fazer alguma coisa. Então, uma parte da minha vida foi tomando, como vocês falam no Brasil,baculejo (risos).Era comum, fazia parte do cotidiano. Numa sexta-feira você ia sentar com seus amigos na esquina, o exército ia passar, você sabia que ia ter que levantar, botar as mãos no muro e ser revistado. E tinha as bombas também, as explosões na cidade que deixavam tudo mais tenso e perigoso para a gente.Mas uma coisa que talvez vale a pena contar, que mostra essa vida segregada que eu vivi, é que eu ia na escola e ia jogar nosso esporte irlandês. Os protestantes não jogavam hurling, gaelic football, nossos esportes que fazem parte da nossa cultura.Eles jogavam soccer, rugby, então era uma divisão total. Mas com 16 anos eu passei nos meus exames na minha escola católica, aí eu fui para um outro colégio, uma escola técnica, que não era segregada e acabou sendo uma coisa normal. Eu estava saindo daquela realidade segregada e nessa nova escola tinha essa mistura de irlandeses e descendentes de ingleses, entre católicos e protestantes. Eu lembro que era um sentimento de liberdade na escola técnica, porque não tinha tensão dentro da escola, porque você começa a conhecer as pessoas, conviver com elas, você ia para as aulas e conversava com os amigos e fazia amizade com todo mundo lá.

Era um estudo técnico em qualquer coisa, porque nós precisávamos fazer esses dois anos que servia também para se preparar para prova para entrar na universidade. Então, foi uma escola sem muita tensão, era uma escola pública integrada. Foi muito bom, meu deus! Mas no país a situação continuava muito ruim. No segundo ano desse colégio eu tinha dois amigos que faziam aula de educação física comigo e eu também jogava futebol com eles. Então, um dia eles foram, na hora do almoço, jogar videogame. Tinha uma área de táxi da cidade que tinha duas lojas de videogame, eles foram lá, acho que não podia ou era perigoso para eles devido à segregação, mas eles foram só para jogar, mas o que

aconteceu? Uma mulher que trabalhava na área de táxi estava convocada para testemunhar sobre um assassinato que havia acontecido, de um protestante contra um católico, então ela era uma das pessoas que foram chamadas para ser testemunha. Nesse dia, um pistoleiro entrou para matar ela, para impedir ela de depor, mas um motorista tentou impedir,ele levou um tiro mas sobreviveu. Porém, como esse lugar estava na área católica, o pistoleiro resolveu matar quem estava pela frente, e meus dois amigos estavam lá e o cara matou os dois, sabe? Então, isso foi durante a hora do almoço na escola e nós estávamos esperando por eles para começar a aula de educação física. Eu lembro até hoje que as pessoas na escola começaram a falar do assassinato e a gente sem acreditar até que o nosso professor entrou com as coisas para jogar e eu falei "isso é verdade?" Aí ele ficou muito quieto, uma coisa estranha, porque todo mundo olhou para mim e eu olhei para ele, aí eu falei novamente: "fala para mim, é verdade?" Ele respondeu: "parece que sim". Olha, pensa bem, nós tínhamos esse conflito, essa segregação, mas eu lembro que nesse momento todos os instrutores da escola colapsaram, todo mundo foi para fora das salas de aula. Acabou o dia de escola, porque foi um choque total, os professores não tinham nada para dizer, sabe? Mas eu lembro muito bem, eu saí da sala e encontrei os meus amigos protestantes. Então, essas coisas estão designadas para separar as pessoas, mas quando você tem uma violência, um trauma, uma coisa que as pessoas sentem muito forte, foi impressionante, porque eu fui direto falar com os protestantes da escola, eles estavam sentados no muro e eu fui conversar com eles deliberadamente, e eles estavam horrorizados, eles falaram "sinto muito, temos vergonha de ser protestantes". Eu lembro que não teve nenhum tipo de conflito dentro da escola, porque foi terrível e também teve a humanidade das pessoas, as pessoas conhecem uns aos outros, fazem amigos, convivem juntos.

Ao mesmo tempo, a gente assistia a maldade, o resultado de viver segregado. Um amigão de um dos caras que foi morto estava detonado nesse dia,chorando muito, então eu levei ele e mais duas pessoas só para sair um pouco de dentro da escola. Nossa escola técnica era de um lado e do outro lado era uma escola secundária protestante segregada, com outro uniforme, imagina? Então eu passei com o meu amigo chorando, passamos pela janela dessa outra escola, e os jovens estavam batendo na janela e dizendo "2 x 0 para nós, 2 x 0 para nós!", Sabe? Com ódio, sabe? Então, para mim, foi uma coisa que até hoje (...), porque nós estávamos na escola com os protestantes que nos conheciam, vivíamos juntos, não tinha esse ódio, mas encontrávamos outros que não tínhamos contato e o ódio imperava para que jovens nos provocassem dessa maneira, "2 x 0", porque nós perdemos dois católicos nesse dia, então isso estava muito presente, sabe?

Marco/Aurelane: Bom, então você cresceu em um país em conflito e existia o Exército Republicano Irlandês (IRA) que lutava contra os ingleses. Isso te influenciou? A luta do IRA te influenciou nas opções e nas suas escolhas de vida, na militância, na academia?

Brian: Não, diretamente não. Essa pergunta é interessante para refletir agora. Mas quando eu cresci eu acho que meus pais tomaram muito cuidado para não falar quase nada em casa sobre os conflitos políticos, o IRA, os ingleses, entende? O meu pai tinha um tio que foi assassinado e outros dois que foram expulsos do país por causa do envolvimento com o IRA e eu não sabia nada disso até ficar mais velho. Só mais velho fiquei sabendo que um policial entrou na loja onde a tia do meu pai estava trabalhando e falou "seus irmãos estão saindo do país a noite de Belfast até os Estados Unidos, certo?", ela não falou nada. Ele falou "nossa inteligência sabe e tem pessoas esperando por eles no caminho para matar eles. É melhor que eles achem outro lugar". Então eles estavam saindo de Belfast, mas escaparam para Derry, pegaram o barco até Derry. Eu visitei lá, os nomes deles estão lá em Ellis Island, sabe? Nos Estados Unidos, uma ilha onde está a Estátua da Liberdade, onde têm os nomes de todos os imigrantes que passaram nessa época, eu achei o nome deles lá. Então, nem os meus pais e nem o meu avô me contaram nada sobre isso quando eu estava crescendo, eu tenho certeza que eles tinham medo que se eu descobrisse, eu poderia ingressar na luta armada. Eu era o único filho homem dos meus pais, acho que eles tinham medo.

Na verdade, eu acho que uma parte desse movimento do IRA estava mais forte em 1981 com as greves de fome, por exemplo, quando teve fortes conflitos nos bairros, e já tinha tido o Bloody Sunday (1972), quando o exército matou pessoas inocentes em Derry, ou seja,quando eu estava na idade de me envolver com a luta armada essa onda já havia passado. Mas toda a minha geração teve simpatia pelo movimento, nós entendemos muito bem porque teve o movimento, cantávamos as músicas do IRA no ônibus indo para o baile (risos), todo mundo cantando as músicas, não eram as *top ten*, eram as músicas de rebelião. Na verdade, quando eu cresci, o conflito virou mais sectário e mais violento por parte do movimento de resistência, teve várias coisas que, para mim, foi impossível apoiar, sabe? Alguns atos de violência que, para mim, não faziam sentido, sabe?

Outra coisa que lembro foi num café muito popular em nossa área da cidade, todo mundo ia depois da escola para conversar e teve um tiroteio lá. Então, eu estava próximo a essas pessoas que se envolveram, daí eu lembro que a dona do café saiu da cidade para visitar a minha mãe, para avisar a minha mãe que eu não estava dentro do círculo perigoso, mas que eu estava bem pertinho. Então, tinha alguém avisando a minha mãe "olha, toma cuidado, porque o seu filho está um pouco próximo com os caras que estão envolvidos, tem risco de ser preso".

Meu amigão, o pai dele estava preso. Foram fatos perto de mim, mas nunca teve um momento, por exemplo, para eu tentar escolher ou ter um convite para uma conversa e entrar na luta armada. Muitos anos depois, sim. Muito depois do acordo de paz, que foi em 1998, eu lembro de uma conversa que alguém estava tentando me deixar mais perto do movimento.

Marco/Aurelane: Você é um professor universitário e militante, você acha que a luta do IRA influenciou em alguma coisa, em você se rebelar e ser militante?

Brian: Não sei se militante (risos), mas, na verdade, quem me influenciou mais foi eu ter a oportunidade de fazer o doutorado, foi ali que me politizei e me envolvi mais. Eu não acreditava que alguém ia me aceitar no doutorado, mas fui tentar Geografia na *Universidade de Sheffield* na Inglaterra. É claro que eu tinha um envolvimento com lutas políticas antes do doutorado. Quando eu estava na *Universidade em Belfast,* eu estava participando do movimento estudantil contra a privatização da educação, eles estavam cortando as bolsas para as pessoas, então eu participei desses movimentos, mas eu acho que quando eu fui para Sheffield, na Inglaterra, eu conheci e fiquei envolvido com comunidades de estrangeiros com experiência de conflito, os caras da África, Ghana, Angola, Camarão, Curdistão, Palestina e Turquia. Então, eu tive contato com esses movimentos de esquerda e também anticolonialista. Quando eu encontrei com o Explo Nani Kofide Ghana, que tinha sido preso durante o regime de Rawlings, que teve que fugir, se refugiar, ele virou uma espécie de interlocutor. Eu conheci ele, ele me passou alguns livros do Amílcar Cabral,Thomas Sankara, Che Guevara, Gramsci. Então eu comecei lendo esses livros e foi a primeira vez que eu entendi a situação da Irlanda do Norte a fundo, eu nunca havia entendido a fundo nossa situação, eu não estava formado para entender, não tive possibilidades na escola, meus pais falaram pouco sobre os conflitos, porque eles tinham medo que eu pudesse participar do IRA.

No doutorado foi a primeira vez que eu entendi o que aconteceu na Irlanda e Irlanda do Norte, porque para nós, na época da juventude, o máximo era jogar pedra na polícia, ter raiva dosingleses, uma coisa ingênua e também politicamente nacionalista. Então, eu comecei a ler esses livros decoloniais, anticoloniais das pessoas que participaram de movimentos contra os ingleses, portugueses e franceses, eu pensei “nossa, meu Deus”. Nesse momento eu entendi como a Irlanda foi a primeira colônia do mundo, como eles fizeram todos os testes em nós, éramos laboratório para tudo. Ellen Meiksins Wood escreveu muito bem sobre isso, as coisas que os ingleses testaram em nossas terras eles exportaram para outras partes do mundo.Até o presidente da África do Sul, que representava o poder e o domínio inglês durante o Apartheid, falou para os ingleses: “se eu tiver forças, eu vou usar as leis que vocês estão usando na Irlanda do Norte aqui na África do Sul”. Ou seja, a gente era um laboratório, as políticas de segregação foram testadas em nós.

Eu, praticamente, fiquei fora do meu tema de doutorado por um ano, porque eu fui para o último andar do prédio da universidade, para a biblioteca, para ler os livros que estavam guardados lá e que ninguém queria ler. De Gramsci, de Marx, de Luxemburgo, tudo. Foi Steve Biko, eu lembro até hoje o livro de Steve Biko, que me fez pensar no processo de educação. Foi uma coisa estranha, eu cheguei

para fazer doutorado com 22 anos de idade, em 1998, pensando que eu tinha chegado num nível alto de educação, que eu estava num nível educacional elevado, mas percebi que eu não entendia nada, que eu não sabia de nada, que a minha educação foi completamente errada, que passei por todo o processo educacional só para ganhar um tipo de ignorância, sabe? Como Biko falou, eu acho, que é preciso uma "reeducação", e eu passei um ano lendo na biblioteca falando: "nossa, como eu vou entender esse mundo agora?", virou tudo, sabe?

Marco/Aurelane: Vamos voltar um pouco, como foi a sua graduação? Onde você fez a sua graduação?

Brian: Queen'sUniversityof Belfast.

Marco/Aurelane: Você pode descrever para os geógrafos brasileiros como é um curso de Geografia na Irlanda do Norte?

Brian: Como eu mencionei, foi bom porque você podia escolher várias disciplinas de humanas e também físicas da Geografia. Então, essa mistura foi muito boa. Você fazia Geologia, mas, ao mesmo tempo, História da Economia da Irlanda, por exemplo. Mas, como eu disse, nessa época, a educação estava nas mãos de professores conservadores e também ingleses. É claro que se falava do conflito que vivíamos, mas não discutimos qual era a causa de nosso conflito, sabe? Era uma coisa muito inglesa mesmo.Não se discutia como iríamos resolver nossos problemas. Outra coisa, a universidade era muito fechada, não tínhamos contato com comunidades e movimentos sociais como vocês tem no Brasil.Não existia projeto de extensão que é um dos pilares da universidade brasileira. Então, eu adorei esse momento da minha vida, mas a experiência na graduação estava muito distante da realidade do dia a dia que estávamos enfrentando. Eu lembro que tinha manifestações com a polícia e tudo depois das aulas, ia todo mundo para rua, mas, no próximo dia, era como se não tivesse acontecido nada, as aulas continuavam normalmente. As coisas eram como que divorciadas.

Marco/Aurelane: No curso de graduação, o que mais chamou seu interesse, Geografia Física ou Geografia Humana? O que é que você gostava no curso?

Brian: Na verdade, Geomorfologia eu adorei. Eu fui mais para o lado ambiental, mais físico. Os aspectos mais humanos eram mais divorciados da nossa realidade mesmo. Mas eu tive sorte que,depois do segundo ano,eu fui para os Estados Unidos para estudar.

Marco/Aurelane: E você foi estudar onde nos Estados Unidos?

Brian: Foi uma coisa absurda (risos). Eu acho que alguém criou um programa para levar alunos da Irlanda do Norte para os Estados Unidos para aprender sobre negócio, sobre empreendedorismo, para aprender as coisas para restaurar a nossa economia, para levar as ideias dos Estados Unidos para a Irlanda do Norte, sabe? (risos). Então foi um convite para estudantes universitários passar um ano nos Estados Unidos de graça, com bolsa, com o objetivo de voltar com ideias e aprendizados para melhorar a nossa economia. Então, todos nós fomos, artistas, historiadores, geógrafos (risos) fazer entrevistas falando que nós tínhamos um grande interesse no programa. A gente falava: "nós adoramos, queremos aprender as coisas dos Estados Unidos para importar para cá e melhorar a nossa economia". Então, eles mandaram as 50 pessoas mais loucas da Irlanda do Norte (risos) para as universidades chiques e renomadas. A gente só queria era viver a experiência fora da Irlanda do Norte, conhecer outra cultura e etc. Eu fui para a *Universidade de Boston*.

Marco/Aurelane: Foi parao departamento de Geografia?

Brian: Não. O programa foi de negócios e precisava fazer disciplinas nessa área. Eu fiz Economia do Ambiente e alguma outra coisa. Na verdade, eu espero que as pessoas que fundaram esse programa não leiam essa entrevista (risos), eu não fiz nada de negócio e empreendedorismo. Você tinha liberdade total, não fazia diferença se você passou na disciplina, você ganhava um diploma do mesmo jeito. Mas, olha, para mim, foi muito valioso porque a Irlanda do Norte era muito fechada, não tinha imigração devido ao conflito, a gente não conhecia gente de fora. Aí imagina, você vai para os Estados Unidos, Boston, com os amigos africanos, americanos, asiáticos, de todo lugar. Tinha bar de jazz, por exemplo, tinha essa diversidade que não tinha na Irlanda do Norte. Então, para mim foi muito bom. Eu acho que se não fosse esse ano de experiência, eu não pensaria em fazer doutorado.

Marco/Aurelane:O departamento de Geografia em Belfast era totalmente conservador? Era uma Geografia crítica ou descritiva?

Brian: Crítica não era. Mas eu lembro de professores bons, um professor de Hidrologia, um cara esperto que tinha pensamento crítico. Eu lembro bem que nessas aulas eu pensava: "como você pode chegar nesse nível de conhecimento que te permite questionar os livros?" Uma coisa era ler, mas questionar? Como você pode chegar nesse estágio em que você vai discordar com alguém que escreveu um livro? Eu aprendi isso com esse professor. Outro professor, o Peter Shirlow, que é um nome bem conhecido ainda, ele fez uma contribuição importante para a Irlanda do Norte nas suas reflexões sobre o sectarismo, acho que ele era um socialista mesmo. Mas isso, dentro dos limites que eram permitidos, não era um pensamento crítico radical. De qualquer forma, eu aprendi com ele também.

Marco/Aurelane: Mas era uma Geografia para apenas descrever e não analisar os fatos?

Brian: Em geral, os professores tinham análises muito limitadas. Hoje eu vejo uma grande diferença na mesma universidade quando eu vejo as disciplinas. Acho que têm pessoas que querem algo a mais do que simplesmente se formar. Na minha geração,a gente já era muito grato apenas por chegar à universidade, estávamos apenas pensando em passar a graduação e trabalhar depois, então não éramos muito questionadores, muito críticos. Então, dependia muito dos professores.

Marco/Aurelane: Então você termina a graduação e vai direto para o Doutorado?

Brian: Não!Primeiro eu fui coletar couve-flor na Austrália por um ano (risos). Um trabalho terrível. Era muito comum nessa época ir trabalhar na Austrália, porque era muito fácil pegar um visto se você ia trabalhar, faltava trabalhadores na época, então para um jovem irlandês ir para lá trabalhar era fácil. Essa facilidade era uma forma para aumentar a força de trabalho no campo e também com um aspecto, talvez, racista, porque a Austrália estava abrindo para brancos que já tinham algumas raízes com a Austrália por causa da colonização pela Inglaterra e, por isso, vários irlandeses foram exportados para lá. Eu fui para lá para trabalhar, mas também para viajar. Eu tinha decidido que eu queria ver um pouco mais do mundo. Na Austrália, eu passei muito tempo no deserto, eu adorei o deserto. Então, eu descobri que tinha só uma disciplina sobre Geomorfologia dos Desertos, para entender os desertos, em Sheffield na Inglaterra. Foi aí que eu apliquei para o mestrado. O professor gostou muito da minha proposta de mestrado, eu escrevi muito, aí ele falou: "você tem interesse no doutorado comigo? Eu estou fazendo um projeto na Namíbia, na África". Tudo isso, porque eu estava lá no deserto da Austrália quando encontrei alguns amigos desse professor, eles trabalhavam com Geomorfologia em áreas áridas, eu adorei.Eu fiz um trabalho de campo com eles e foi maravilhoso. Eu acho que o professor perguntou para os amigos deles:"e esse irlandês, como foi?". Ou seja, ele pediu referências sobre mim. Aí ele me levou para o doutorado lá na Inglaterra, em Sheffield.

Marco/Aurelane: Então você não fez o mestrado?

Brian: Não, eu apliquei para o mestrado, mas ele gostou do meu projeto e me convidou para o doutorado.

Marco/Aurelane: A gente sabe que o seu doutorado é em Geografia Física, em Geomorfologia. Fale um pouco da sua tese?

Brian: O meu doutorado foi realizar uma tese sobre a erosão eólica dos vales áridos da Namíbia, na África. Foi difícil, porque tinha muita física. Eu precisei ir para as aulas para aprender matemática. Eu fui para Southampton, na Inglaterra, onde tem laboratório de vento, os "windtunnels", porque eu

precisava montar os modelos lá, fazer os testes e também ir para o trabalho de campo. Eu fui para um campo de três meses na Namíbia, foi uma maravilha, mas uma coisa que eu acho que foi importante é que eu fui para a Namíbia e não sabia que eles passavam por um tipo de Apartheid quase igual ao da África do Sul. O da África do Sul ficou famoso por causa do Mandela, mas SWAPO (The South West AfricaPeople'sOrganisation) lá na Namíbia foi a mesma coisa. A SWAPO foi um movimento de resistência. Mas quando eu cheguei lá, o vale a ser estudado, o meu local de campo, ficava em uma fazenda de um branco com raiz alemã-austríaco, um racista declarado. Ele me contou que ele cercou a terra quando ele já sabia que SWAPO ia ganhar, ele comprou o maior tamanho de terras que ele podia e colocou cercas para evitar os negros. Ele falou para mim no primeiro dia que o conheci, e com orgulho. Eu estava acampado no vale na área dele. Então, eu fiquei mal porque eu tinha o sonho de visitar o continente africano e a Namíbia, e aí você chega em sua área de campo, e conhece gente racista. Fizeram churrasco, me convidaram para o churrasco e eu nem quis ir. Então, eu passei um tempo no campo e depois fui para a cidade. Com as pessoas na Namíbia, com as pessoas negras na cidade, foi o contrário. Fiz amizade com muita gente, com trabalhadores que iam para cidade de manhã e voltavam para o campo à noite, pude ver muitas injustiças. Eu acho que por causa dessa experiência, eu quase desisti do doutorado, porque eu estava fazendo Geografia (...). Você perguntou sobre a Geografia em Belfast, mas a Geografia na Inglaterra é uma disciplina completamente baseada na história colonial, sabe? Pode ter mudado atualmente, mas, naquela época, o mapeamento, tudo, a Geografia foi uma arma do colonialismo.

Na Irlanda e na Inglaterra é muito evidente a maneira, a estrutura, a relação que eles têm com os lugares, então eu percebi que também eu estava vendo como era isso na Namíbia e que tinham pessoas estudando os problemas há décadas, durante o Apartheid, sabe? E a independência da África do Sul era muito recente. Eu quase desisti do doutorado, ao ponto que eu tentei encontrar um emprego para sair do doutorado. Porque eu estava pesquisando erosão eólica, mas, ao mesmo tempo, eu estava lendo Marx e Amílcar Cabral. Eu estava fazendo uma pesquisa que não tinha relação com as preocupações que eu tinha e com o que eu vinha aprendendo com as leituras e com as pessoas que eu estava conhecendo. É por isso que eu acho que quando eu terminei o doutorado, em 2002, eu saí da academia.

Marco/Aurelane: Bom, você acaba mudando de área, ou seja, você se forma como um pesquisador em Geografia Física, só que agora você atua no âmbito da Geografia Humana com foco na Geografia Agrária e Geografia do Trabalho, como foi essa mudança?

Brian: (risos) Eu terminei meu doutorado e resolvi fazer trabalho comunitário na área de educação, mas eu não queria trabalhar na universidade, porque na Inglaterra, e também na Irlanda do Norte, era

muito distante da nossa realidade se tornar professor universitário. Então, eu percebi que essa coisa de um irlandês que foi para a Inglaterra estudar, precisava voltar para a nossa terra,terra que viveu um longo conflito social, que teve um acordo de paz, mas que ainda tinha muitos problemas.Algumas áreas de Belfast estavam sofrendo com as altas incidências de violência e a desigualdade piorou depois do conflito.Então, eu resolvi voltar para Belfast para trabalhar nos bairros onde o conflito tinha sido mais intenso. Trabalhei por quatros anos, eu acho, em vários projetos comunitários e educacionais com a juventude, também com refugiados em organizações comunitárias.

Figura 02 - Lançamento do documentário "Floresta Doente", realizado pelo coletivo de jovens Munduruku, no Museu do Cinema em Londres em maio de 2024



Autor: Marco Mitidiero, 2024.

Marco/Aurelane: Mas como foi essa mudança para Geografia Humana? Como é que você se torna professor universitário?

Brian: A história é longa, mas tem um detalhe importante. Eu estava fazendo esse trabalho, mas durante o meu doutorado eu tive muitos amigos brasileiros, incluindo o Paulo, um amigão até hoje. Então, eu estava quase um membro honorário da sociedade brasileira em Sheffield (risos). Eles acharam um lugar bacana sexta-feira à noite onde todas as famílias podiam se reunir, incluindo as crianças. Às vezes eu ia com eles, então em todas as festas eu estava com eles. Eles falavam que a minha dança era tamanho único (risos), do forró ao rock era a mesma coisa, só que mais rápido ou mais devagar (risos). Então, eu conhecia eles muito bem, e eu sempre tive um sonho de ir parao Brasil, e eu sempre tive interesse nos movimentos sociais que eu sabia que existiam lá.Além disso, eu estava envolvido em várias atividades com os africanos e também com os latino-americanos. Eu tinha uma campanha de solidariedade com os caras da Colômbia, por exemplo. Então, quando eu fui para o Brasil para visitar o Paulo, a única coisa que eu falei para ele foi que eu queria conhecer a Escola Nacional Florestan Fernandes organizada pelo MST.Então, ele me levou lá, mas, naquela época, eu não falava nem cinco palavras em português.

Era nessa época que eu estava trabalhando em uma atividade comunitária que aconteceu o Fórum Mundial, eu fui em um que ocorreu na Europa, na Inglaterra, e depois eu fiz parte desse movimento que se originou dos fóruns em Gênova, Estocolmo, Seattle.

Marco/Aurelane:A gente lembra,mataram um estudante em Gênova.

Brian: Eu estava lá, na esquina, foi na mesma esquina em que eu estava. Eu não vi, mas na mesma noite eu descobri que eles mataram, foi lá, foi pesado. Então, eu estava envolvido, e, claro, o MST no Brasil foi um nome, um ponto de referência.

Marco/Aurelane: Daí você foi conhecer a Escola Nacional Florestan Fernandes?

Brian: Sim, foi sensacional. Esse conhecimento sobre o movimento e também a experiência lá foi muito rica. Então, quando eu voltei para a universidade para estudar, eu fiz pesquisa junto com um professor da *Universidade de Strathclyde*, em Glasgow, na Escócia. Nossa! A minha cronologia é difícil, né? (risos). Mas acho que fica mais fácil agora. Eu tive essa experiência com o MST em 2011; e depois eu fiz parte do movimento que montou um sindicato autônomo e independente para proteger os direitos dos trabalhadores migrantes e trabalhadores precários. O professor Paul Stewart, figura da Strathclyde, teve muito interesse no que a gente estava fazendo.

Marco/Aurelane: Esse sindicato era da Irlanda do Norte?

Brian: Da Irlanda. Foi radical, marxista, socialista. Tommy McKearney foi o presidente, ele era um coordenador na Irlanda do Norte, eu estava trabalhando muito perto dele. Então, esse professor de Strathclyde, um irlandês, teve muito interesse no sindicato. Ele visitou a gente para aprender sobre os nossos processos, ele ficou em nossa casa por muito tempo, fizemos amizade. Aí ele me convidou, porque eu tinha experiência em pesquisa com o doutorado, para fazer *"actionresearch"*(pesquisa-ação) como sindicalista, para ser um sindicalista que faz pesquisa. Depois dessa experiência, eu saí de Belfast com a minha esposa, Juliana, que é brasileira. Nos casamos e fomos morar no Brasil. Eu fiz contato com o movimento sem-terra, não só o MST, mas de outro movimento que Juliana representou como advogada. Eu fui para os acampamentos lá em Assis no interior de São Paulo, eu fui para UNESP, em Presidente Prudente, para conhecer e estabelecer contato. Conheci o professor Thomaz Junior e depois também fui para Goiás. Não pode publicar essa entrevista sem mencionar o nome do Marcelo Mendonça edo Adriano Oliveira, professores na *Universidade Federal de Goiás* e do Ricardo Gonçalves, que era orientando do Marcelo. Mas quero frisar que o Marcelo Mendonça foi quem me abraçou, principalmente. Então, tive essa experiência que me abriu caminho, mais uma vez, na Geografia. Foi esse o caminho. Conheci o movimento social, meu primeiro contato foi o MST, depois a UNESP, porque a UNESP estava muito ligada com o movimento de luta pela terra, depois fui para Goiás.

Com o MST no Pontal do Paranapanema, conheci o Valmir que era uma figura do MST.

Figura 03 - Brian Garvey no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, 2015



Fonte: https://www.sbs.strath.ac.uk/newsletter/2016-02/10-links.asp, acesso em 2024.

Marco: Com o Valmir? Sério? Acho que ele foi meu aluno no curso de Geografia do Pronera.

Brian: Verdade? Eu ajudei ele com as vacas e ele ficou bravo comigo, porque eu não entendia português, então eu fiz alguma coisa errada, eu montei a cerca errada e escapou uma bezerra(risos).

Então, isso é central. O fato é que eu já tinha esse contato e já conhecia o MST. Quando eu fui para o Brasil pela segunda vez, com Juliana, casado, fiquei em Assis, no interior de São Paulo. Tinha um movimento de acampados sem terra lá e eu passei um tempo com eles. Juliana, que é advogada, estava representando eles e fiquei acompanhando a luta deles. Por isso que eu fui visitar a UNESP, porque esse departamento de Geografia estava trabalhando com o movimento e eu conhecia o nome do Bernardo Mançano Fernandes e do Thomaz Junior. Aí foi o Cacá (Carlos Alberto Feliciano) que passou o contato do Valmir e eu fiquei umas duas noites com eles, também tentando melhorar meu português conversando com eles. Foi quando eu disse que queria fazer pesquisa e queria saber em qual lugar valia a pena, e o Valmir me disse que precisava pesquisar a cana-de-açúcar, porque esse era o problema deles. Então, o Valmir me disse que eu precisava estudar o canavial, porque para entender os desafios deles, tem que entender esse problema da produção de cana-de-açúcar. Então, no Pontal do Paranapanema já tinha muita pesquisa, mas a fronteira do etanol estava avançando para Goiás nesse momento. Eu acompanhei os militantes da FERAESP (Federação dos Empregados Assalariados Rurais do Estado de São Paulo)por Goiás para entender esse processo e eu aprendi muito. Então, o Marcelo Mendonça me abraçou, os trabalhadores me abraçaram, os meninos que estavam colocando veneno na cana me abraçaram, os sindicalistas me abraçaram. Com isso, eu renovei a minha carreira acadêmica.

Marco/Aurelane: Volta o interesse em pesquisar?

Brian: Sim. No Brasil eu vi o que era ser um ativista e um pesquisador ao mesmo tempo. Porque, imagina? A UNESP, vocês, o Marcelo Mendonça e o Adriano Oliveira, todos têm relações com os movimentos sociais. Imagina?As feiras da reforma agrária lá em Goiânia e as que existem no Brasil produzem relação com a Universidade, com os alunos. Então, foi lá que eu percebi um mundo diferente. Você pode ser um pesquisador e professor com um pé no campo, sabe? Foi fundamental, foi espetacular. Ao mesmo tempo, eu estava lutando com o português, tentando aprender, e ninguém entendia nada que eu falava (risos).

Marco/Aurelane: Você se candidata a uma vaga na *Universidade de Strathclyde* depois disso? Você estava no Brasil?

Brian: Sim, eu estava no Brasil, eu estava fazendo alguns contatos. Eu fiz alguns concursos para professor visitante, para pós-doutorado, mas não consegui. Eu fiquei em segundo lugar em um desses concursos em Roraima, quem ficou em primeiro foi um cubano. Eu quase fui parar em Roraima. Também fiz um para o Rio de Janeiro. Mas, ao mesmo tempo, eu sempre tive esse contato com o Paul Stewart, que já falei dele aqui. Ele me convidou para fazer um pós-doutorado com ele por dois anos e, nesse momento, as coisas estavam um pouco difíceis porque eu estava sem trabalho e já tinha nascido minha terceira filha (risos), a Alana, então eu resolvi voltar. Na verdade, era uma bolsa de *research assistant*, é mais como um assistente de pesquisa com salário de dois anos. Acabou sendo um trabalho precário por três ou quatro anos, mas eu acabei ganhando o trabalho permanente, me tornei professor efetivo da *Universidade de Strathclyde*.

Marco/Aurelane: Onde você trabalha agora? Seu departamento?

Brian: Departamento do Trabalho, Emprego e Organização na Universidade de Strathclyde.

Marco/Aurelane: Cadê a Geografia?

Brian: Acabaram com a Geografia em 2013, no mesmo ano que eu estava entrando na universidade. A direção da universidade acabou com vários cursos. Eles cortaram Italiano, Música, Sociologia, o centro de Ecologia Humana e Geografia. Foi um corte total.

Marco/Aurelane: Mas o seu supervisor, o Paul Stewart, era do departamento de Geografia?

Brian: Não. Ele também estava nesse Departamento de Trabalho. Mas eu lembro a minha primeira semana lá,eu vi no website que tinha Geografia e eu estava animado, mas aí eu descobri que eles cortaram. Foi um choque total.

Marco/Aurelane: Mas por que acabaram com o curso de Geografia?

Brian: Porque com essa onda neoliberal, não só no Reino Unido, o modelo de universidade está mudando. Eu tenho muita inveja, ainda, das instituições públicas no Brasil, mas eu sei que têm as ameaças e que as pessoas precisam proteger seus direitos, porque esse modelo cada vez mais *Yankee*é terrível. O queque nós estamos experienciando aqui é terrível. Temos uma racionalização neoliberal que é muito perigosa.

Marco/Aurelane: Como é que você vê as universidades, hoje, no Reino Unido, comparando com o período que você era aluno? Ou seja, está mudando a estrutura, a forma de ser da universidade, ela mudou? Para melhor ou para pior?

Brian: Eu acho que quando eu entrei na Universidade em Belfast, meus pais estavam trabalhando e por causa disso eu não recebia tanto como bolsa de estudo, eu acho que eu recebia algo em torno de 800 libras por semestre ou mais. Alguns dos meus amigos recebiam mais. Ou seja, você não precisava pagar pela sua educação e todo mundo recebia um tipo de bolsa. Então, vivi quatro anos assim, mas minha turma foi a última que recebeu bolsa, nós tivemos sorte, estávamos no limite das mudanças neoliberais. Depois disso cortou completamente as bolsas para todo mundo e as pessoas passaram a pagar pela universidade. Em poucos anos virou tudo, uma inversão completa. Quando a minha irmã entrou na universidade foi uma experiência muito diferente, sabe? Sim, se você é de família pobre, então você vai receber alguma ajuda, mas essa privatização das universidades foi terrível. A universidade na Escócia é a única,hoje,no Reino Unido que é parcialmente gratuita, porque os alunos escoceses, por exemplo, não pagam, então o governo aqui tem o compromisso que a universidade vai ser de graça, mas para sobreviver todos os nossos alunos têm que estar trabalhando, porque não tem mais bolsa, não tem esse tipo de ajuda para quase ninguém. Essa mudança é muito triste. Outra coisa é que as universidades estão cada vez mais alinhadas com a economia e com o capital. Nas décadas de 1960 e 1970, as universidades foram uma fronteira contra os avanços mais brutais do capital, mas hoje não é assim, sabe?

Marco/Aurelane: Na Irlanda do Norte para fazer universidade tem que pagar? Aqui só escocês que não paga? Estudantes estrangeiros têm que pagar?

Brian: Sim, pagam, e muito caro. Esses estudantes estrangeiros, o dinheiro deles é um subsídio enorme para as universidades. E agora com o Brexit e as mudanças na economia, as universidades estão perdendo fontes de recursos, então tem uma situação muito precária agora nas universidades. Eles seguiram um modelo mais como negócio, como empreendimento, esqueceram que a educação é uma coisa pública. A universidade tem que gerar lucros, se não gera lucros, não serve. Nos Estados Unidos, por exemplo, só os ricos vão para as universidades boas, então tem esse risco de isso aprofundar aqui se eles não mudarem o curso.

Marco/Aurelane: Como foi o trabalho com a geógrafa Larissa Mies Bombardi? O Atlas do Agrotóxico, o qual é o resultado do pós-doutorado que ela fez com você, com o prefácio escrito por você, é uma das publicações mais importantes na Geografia Agrária contemporânea, como foi essa experiência?

Brian: Foi uma maravilha. Uma coisa interessante é que eu não posso dizer que foi Larissa Mies Bombardi que introduziu esse problema dos agrotóxicos para mim, foi um cortador de cana, na usina Nova América, ao lado de Assis, no estado de São Paulo. Foi aí que eu conheci o problema dos agrotóxicos. Sabe quando você entra no campo como pesquisador e você quer aprender sobre o

processo de trabalho, a força de trabalho, a jornada de trabalho, os problemas, mas um cara falou "olha, as condições de trabalho, na verdade, melhoraram do ponto de vista da jornada, hoje nós podemos parar para refeição, para tomar água, mas minha preocupação é a minha saúde com os agrotóxicos". Veja, quase ninguém estava discutindo isso naquele momento, na literatura tinha pouca coisa, mesmo no Brasil. Tinha mais pesquisas sobre trabalho migrante, reforma agrária, as mortes no campo, etc., então eu lembro até hoje esse cara falando sobre o volume dos agrotóxicos que estavam sendo usados ali, do incômodo dele. Eu lembro que isso ficou na minha cabeça, mas continuei as minhas pesquisas sobre as outras coisas, quando, enfim, eu conheci o trabalho da Larissa Bombardi e do professor Wanderlei Antonio Pignati, que abriram meus olhos para a escala desse problema. E isso se ampliou quando começamos a ver as contradições entre Europa e Brasil, sabe? Essas grandes fábricas da Europa que produzem venenos e vendem para o Brasil.

Figura 04 - Trabalho de campo na Ilha de Skye, Escócia, em abril de 2023



Autor: Marco Mitidiero, 2023.

Marco/Aurelane: Bom, agora o seu trabalho está mergulhado na Amazônia, estudando os impactos da mineração nas sociedades indígenas e ribeirinhas. O que te fez lançar o seu olhar sobre essas comunidades, sobre esses problemas no Brasil?

Brian: É interessante porque eu comecei mais nessa área de cana-de-açúcar no Cerrado, em Goiás. Eu percebi que o bioma do Cerrado é bonito, sabe? É óbvio que esse bioma foi uma zona de sacrifício. Então, eu lembro bem que com as pessoas da *Universidade Federal de Goiás* eu aprendi muito sobre a região em pouco tempo, sobre as comunidades, os quilombolas, tudo. Eu também tive essa percepção que têm muitos europeus sempre indo para a Amazônia, tem a floresta amazônica mundialmente conhecida, todo mundo está indo para lá, tem muitas coisas aqui na Europa escrita sobre a Amazônia, então eu acho que eu pensava que era mais importante eu continuar pesquisando o Cerrado. Minha pesquisa foi sempre tentando pensar qual é o papel de nós, pesquisadores, nesse lado do Atlântico, porque têm investimentos, tem especulação, têm várias empresas, têm os mercados aqui. Tem também essa onda decolonial e anticolonial entre as pesquisas que é importante. Então, eu tive, na verdade, um tipo de compromisso pessoal. Eu pensei em continuar com as minhas pesquisas no Cerrado, mas eu não sei o que aconteceu (risos). Nós fizemos um projeto que era sobre migração no Brasil com um orientando meu, o Francis, que é brasileiro, e outros pesquisadores interessados no tema da migração de haitianos e de venezuelanos entrando no Acre, Mato Grosso, e outros lugares. Primeiro, com os haitianos e, depois, com os venezuelanos, ultrapassando a fronteira amazônica. Então, nós tivemos um

parceiro, o geógrafo José Alves lá no Acre, e eu fui lá pela primeira vez, conheci a terra de Chico Mendes, fui em Macapá com o Marcelo Mendonça e também recebemos uma aluna paraense, de Belém, Jamile, que estava pesquisando dendê em Maracanã, no Pará. Desde esses momentos mais preliminares, e desses contatos de pesquisa (...) na verdade, eu não sei (...), tem alguma coisa sobre a Amazônia que quando você entra é impossível sair, na minha opinião. É uma coisa estranha, eu não sei qual é o tamanho e também a complexidade das coisas e das pessoas, mas, uma coisa, quando você tem um pouco de conhecimento, te pega, te puxa, eu acho uma coisa estranha, é difícil descrever, tem alguma coisa que é difícil achar as palavras, mas se você investe um pouco de tempo lá, constrói algumas relações, é quase impossível parar, separar, sair. Então, parece que você vai continuar construindo essas relações, não tem volta (risos). Por outro lado, tem toda essa complexidade, é essa a brutalidade das empresas inglesas lá e também os interesses europeus. É muito preocupante quando você conhece como as coisas acontecem lá. Então, imagina passar duas ou três semanas com essas pessoas que estão enfrentando tudo isso, ver de perto tudo isso? Aí não dá para só conversar lá em Santarém, Itaituba, Belém, na universidade, sobre os desafios da Amazônia porque têm muitos casos urgentes, muitas forças que estão incentivando a derrubada de árvores, as invasões e expulsões, as mudanças das políticas, por isso eu fui ficando na Amazônia.

Marco/Aurelane: Mas como é que você chega nos indígenas?

Brian: Nessa questão eu preciso falar com cuidado, porque talvez no Brasil seja diferente, mas na literatura europeia no momento em que eles vão descrever um outro povo, eu quase não aguento! (risos). A forma que os antropólogos, e também os geógrafos, se eles estão fazendo análises, estão fazendo pesquisa em relação a outras pessoas, povos, pode ser indígena ou outros, para mim é difícil para escapar do fato de que você está morando na Europa. A forma que os pesquisadores europeus escrevem sobre o mundo, geralmente eu não gosto muito dessa visão. Na universidade falam: "ah, você trabalha com os povos indígenas", eu resisto e digo que não, eu acho que não, porque tem um tratamento também das universidades, pode-se dizer antológico, que eu acho que eu não sinto parte dessa frente de pessoas que trabalham com povos indígenas, por exemplo. Então, como vocês, eu tenho muito interesse nos conflitos por terra, floresta e água, e os sujeitos que estão sofrendo, às vezes os assentados, as populações tradicionais, os pequenos produtores, os ribeirinhos, os quilombolas e os povos indígenas, sabe? Então, eu acho que os nossos projetos estão olhando quais são as forças que estão gerando esses conflitos. Uma coisa trabalhando com os indígenas, os Mundurukus e os Kayapós, por exemplo, eles sempre estão dizendo que só querem paz, as respostas são muito simples: "Demarcação já! E deixa a gente em paz!". É por isso que eu acho que a gente precisa repetir essas frases, porque as soluções não são muito complexas, é simples, parar com as invasões, parar com os investimentos. Por exemplo, os investidores de Londres estão tentando pegar mais recursos dos

Kayapós, mas as respostas, muitas vezes para nós encontrarmos as soluções é difícil, mas as soluções deles, “demarcação”, “deixa nós em paz”, são simples. Simples, “não vai fazer mineração dentro do nosso território, não queremos e ponto”. Simples. “Tire os garimpeiros e não queremos especulação ou exploração em nossas terras” e acabou a conversa. Então, por isso também acho que é importante para nós reforçar essas palavras, sabe? Com essa visita que acabamos de receber aqui no Reino Unido, eu acho que foi muito bom. Recebemos ribeirinhos e indígenas, dois povos diferentes. Esta frente dos povos indígenas, por exemplo, estão se associando com os quilombolas e ribeirinhos, sendo que décadas atrás eles eram inimigos. Então, isso é importante para nós ajudar a articular essas frentes de resistência, achando alguns pontos comuns, acho que esse é o nosso papel como pesquisador, na minha opinião. Para entender mais a vida, a cultura e o estilo de vida dos Munduruku já têm gerações de europeus enchendo o saco deles (risos), entende? Então, eu não quero ser mais um europeu que vai mexer com todas essas coisas, eu estou interessado nos conflitos e como podemos apoiar a luta deles.

Figura 05 - Debate com irlandeses, indígenas e ribeirinhos brasileiros, um palestino representante dos pescadores de Gaza, militantes de movimentos sociais e ONG’s, e professores e pesquisadores universitários em um centro cultural em Belfast, em maio de 2024



Autor: Brian Garvey. 2024.

Marco/Aurelane: Bom, você tem destinado o seu tempo de pesquisador, de militante, e seus recursos de pesquisa para denunciar a devastação causada pela mineração que atinge essas populações. Como

você avalia essa experiência recente de trazer indígenas, ribeirinhos, agente pastoral e militantes para o Reino Unido e o que você espera com isso?

Brian: Interessante, porque a nossa universidade sempre está perguntando qual o impacto da nossa pesquisa. Mas é muito difícil dar uma resposta exata, porque a situação é tão grave com essas comunidades que não dá para mensurar o que estamos fazendo. Com a visita deles aqui, primeiro, para mim é muito gratificante, porque pareceu que valeu a pena para as pessoas que participaram, de que jeito eu não sei, mas, por exemplo, nós tivemos os diálogos com as empresas de mineração, mas é muito evidente que essas empresas vão continuar fazendo as mesmas coisas que eles estavam fazendo. Passaram um dia inteiro com a gente em uma reunião com os Kayapós afirmando que a mineração ilegal está gerando conflito entre eles. Tem uma carta formal da empresaSerabi dizendo que sente muito que o garimpo ilegal está gerando conflitos, sabe? Ou seja, são mentiras dessas empresas, então é difícil aguentar isso. Então, quem sabe qual vai ser o produto desse tipo de diálogo? Mas uma coisa os indígenas já sabem, as empresas não param de mentir. Também, eu acho que foi muito valioso essas trocas de experiência em nível comunitário com as pessoas na Irlanda que estão lutando contra os mesmos problemas gerados pelas mineradoras. Pega muito forte essas visitas, eu espero que talvez tenham algumas coisas que eles viram e vivenciaram aqui que ajude nas lutas da Amazônia, ou seja, eles certamente perceberam que têm outras pessoas que estão, também, em conflitos com as mineradoras. Essas trocas de experiências são importantes, mas eu acho que, na verdade, precisamos nos organizar muito melhor, todos nós, a universidade, todas as nossas associações, porque é bem claro que essa nova onda de mineração vai causar mais demandas por todos os minerais e que vai gerar muitos conflitos. Minha impressão agora é que nós precisamos ficar cada vez mais comprometidos com esse trabalho de pesquisa, denúncia e resistência.

Marco/Aurelane: Como foi morar na Amazônia com a sua família e dar aulas na *Universidade Federal do Pará*?

Brian: Sobre a aula, precisa perguntar aos alunos (risos). Três semanas de Marx em inglês é difícil, imagina eu tentando ensinar Marx em português, em uma segunda língua? (risos). Mas eu fui bem recebido. Para mim foi um prazer quando o Maurício Torres me convidou como professor visitante por três meses, sem isso eu nunca imaginei que eu pudesse levar a minha família para a Amazônia, é uma coisa que eu nunca sonhei. Eu adorei muito o ambiente amazônico. Quando jovem, eu assistia muitos programas de televisão sobre a Amazônia, mas eu nunca havia imaginado que eu pudesse visitar e nem imaginei que pudesse levar meus quatro filhos comigo, foi bom demais. Eu sempre visitei as áreas de conflito na Amazônia. Dessa vez, eu fui visitar essas áreas com a minha família. Na primeira semana nós ficamos em Arapiuns, na beira do rio.Nossa, que beleza de lugar! Claro, depois de dois dias eu

descobri que a mineradoraAngloAmerican tinha negócio bem em cima deles, mineração bem perto deles, o que certamente é uma ameaça para as comunidades. Em algumas semanas que ficamos na beira do rio, na floresta, a gente percebe a beleza da natureza dessa região e do povo que vive ali, também as contradições, as ameaças e os conflitos que as empresas geram.Estar no rio com as crianças foi bonito demais, mas, ao mesmo tempo, saber que tudo está ameaçado pelas mineradoras é devastador.Então, as primeiras semanas foram muito boas, até a gente começar a trabalhar com a realidade, com foco nos conflitos que são objetos das nossas pesquisas, e sentir que esse paraíso é atacado por todos os lados, porque tem também as madeireiras, o agronegócio, etc.

Figura 06 - Apresentação musical em Glasgow, no lançamento do documentário "Floresta Doente", realizado pelo coletivo de jovens Munduruku.



Autor: Marco Mitidiero, 2024.

Marco/Aurelane: Última pergunta, nós sabemos que você também é músico, que possui uma banda que faz apresentações na Escócia. A música te ajuda no seu trabalho? Na Geografia brasileira é possível encontrar projetos como Geografia da Música ou Geografia da Canção. É disso que se trata? (risos)

Brian: (risos) Que legal! Primeiro, eu acho que, para mim, música é mais um jeito para escapar, é outro jeito para pensar, sabe? Às vezes, nosso trabalho, nós somos pesquisadores, nós não estamos

enfrentando as ameaças, as coisas que as comunidades estão enfrentando no dia-a-dia, e nós não podemos esquecer, mas, mesmo assim, às vezes, ficar pesado, você está mexendo com um material pesado, com situações de injustiça e tristeza e nós temos as nossas reponsabilidades, então a música é um jeito para escapar, para entrar em um outro mundo. Quando você acha esse momento bonito que você pode escapar de tudo, quase escapar do seu corpo, então isso é uma coisa que, para mim, é importante, mas, claro, a música é um material para comunicar. Mas eu vou falar para vocês, a nossa música irlandesa, e até a escocesa, parece que têm algumas músicas instrumentais que são alegres, mas os cantos muitas vezes são tristes, tem tristeza em nossos cantos, eu acho. Eu lembro de um cara da Argentina que falou uma coisa interessante há muito tempo, e hoje eu concordo com ele. Ele disse que é só no Brasil que você acha esse lugar para tocar música alegre com as letras muito tristes (risos). Esse cara da Argentina falou que na América Latina tem muita música bonita, mas só no Brasil vocês acharam um jeito para cantar música alegre com as letras muito tristes, vocês estão dançando uma música como letra triste(risos). Então, essa coisa a gente precisa aprender com vocês. Às vezes as músicas instrumentais são muito alegres, mas as músicas tristes são tristes mesmo, não dá para dançar, sabe? Então, eu sempre fico impressionado quando eu estou tocando com brasileiros, às vezes as letras são coisas para chorar, mas a música está alegre. Mas foi bom demais a música nas últimas duas semanas com a visita dos Mundurukus, Kayapós e Ribeirinhos aqui, na maior parte das atividades tivemos música. A música é isso, para escapar, mas também para comunicar. Na última noite deles aqui na Escócia, eu senti que vários deles já estavam sofrendo de saudade, com vontade de voltar para casa, para Amazônia, mas eu estava olhando as fotos daquela noite e vendo que as mesmas pessoas que estavam sofrendo estavam muito felizes nas fotos, porque teve música, não precisa entender as palavras, estavam felizes.

SOBRE OS AUTORES

Marco Antonio Mitidiero Júnior - Possui graduação em Licenciatura e Bacharelado em Geografia pela Universidade de São Paulo (1999), mestrado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (2002) e doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (2008). Atualmente é professor colaborador pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe e professor adjunto da Universidade Federal da Paraíba.

E-mail: mitidierousp@yahoo.com.br

Aurelane Alves Santana - Graduada em Licenciatura Plena em Geografia e Especialista em Análise do Espaço Geográfico pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atua nos seguintes temas: agronegócio, trabalho escravo contemporâneo, desemprego estrutural, exploração e precarização do trabalho rural, precarização do trabalho docente e ensino de Geografia.

E-mail: aurelanesantana@gmail.com

Data de submissão: 22 de julho de 2024

Aceito para publicação: 9 de agosto de 2024

Data de publicação: 25 de agosto de 2024